

A parede e o relógio

Rozelene Furtado de Lima
Teresópolis / RJ

Lembra, Flávio, quando resolvemos fazer aquela divisória? A sala ficou espaçosa, aconchegante e agradável, e para decorar a parede colocamos o relógio que ganhamos de presente de casamento, comentou Ana abraçada ao marido. Transformamos uma parte ociosa da casa num cantinho de leitura muito funcional. Fiz uma foto sua lendo lá, olha como ficou bonita.

A parede e o relógio ficaram tão bem! A parede receptiva com acabamento perfeito, o relógio austero e sistemático, mas combinava com a parede.

A parede transmitia segurança ao relógio. O relógio cumpria a missão de marcar o tempo. Qualquer um que passasse por ali o primeiro olhar era para o relógio e ele correspondia com os ponteiros mostrando as horas certinhas. Ele atraía olhares como um ímã. Parecia que os dois foram feitos um para o outro. Ela fazia seu papel de oferecer segurança ao relógio e aceitava o tempo marcado por ele. Ele dava as ordens. Marcava o tempo. Ela não se importava. Era a função dele alinhar o tempo com as ações: hora de levantar, hora de deitar, hora de fazer as refeições e hora de amar.

Ser parede é proteger, é apoiar, é manter-se firme sem balançar, sem titubear. Ser parede é bloquear o caminho impedindo a passagem de qualquer aborrecimento que atrapalhe o andamento do tempo. É ficar estagnada para o tempo passar sem emparedá-lo.

Aquela parede sem aquele relógio perdia a leveza e se tornava uma parede qualquer igual a todas as paredes. Aquele relógio sem aquela parede não via sentido em fazer passar o tempo. Entretanto, existia entre eles um elemento de ligação que era a preocupação e a razão de ser daquele par: - Aquele que causou tanto sofrimento à parede, que foi cravado nas suas entranhas. As vezes o relógio sentia uma ponta de ciúme porque a parede tinha um amor incondicional por esse elemento, ele era o motivo que mantinha o relógio ali, unido à parede - o pequenino prego. A parede ficava dividida entre o prego e o relógio. Uma das maiores preocupações da parede era a possibilidade do prego sair e o relógio ficar perdido no tempo. Desenvolveu-se entre eles um sentimento forte de união, uma analogia por complementação tal qual a noite, as estrelas e o luar. Um triângulo simbiótico.

Eles sabiam que a situação seria para sempre se dependesse só deles. Mas, quase nada nessa vida depende exclusivamente de nós, temos um fio de mediação direto com o Comandante e resta aceitar ou sofrer diante da nossa prepotência pensando que somos autores dos projetos e a decisão final é nossa. Pobres mortais!

Um belo dia passou pela rua um caminhão muito pesado e um cachorro atravessou em frente ao veículo, uma freada brusca e violenta balançou a estrutura da casa e a parede divisória foi sacudida. O prego soltou-se, o relógio caiu. A única que permaneceu de pé foi ela, a valente parede.

Os donos da casa quando retornaram depois de uma longa viagem, sentiram logo a ausência do relógio no posto de guardião do tempo. Pelo chão, vidro estilhaçado e, de costas estava inerte o relógio. O prego foi varrido com os cacos. A parede ganhou uma pintura mais forte e recebeu quadros. Ficando melancólica a parede perdeu o encantamento. Os quadros eram estáticos, inertes e indiferentes ao tempo. Imediatamente integraram-se à decoração e passavam despercebidos.

Depois de reformado o relógio foi para uma parede mais firme. O relógio continuou a marcar o tempo dependurado na penumbra de uma das paredes do corredor. A nova parede não era parceira era birrenta, autoritária e não gostava de tomar conhecimento do tempo passando e às vezes sentia dores no seu interior onde, foi colocado uma bucha, para proteger um grosso parafuso com objetivo de oferecer ao relógio mais segurança. Novamente formou-se um triângulo. Um triângulo sem simetria e sem ângulos iguais de interesse. Ao invés de “todos por um e um por todos” passou a ser “cada um por si”. O relógio não chamava mais atenção, passou a atrasar, até que parou no tempo e no espaço. Ninguém notou, nem se importou. Nem os donos da casa, nem a parede. Só a poeira sentiu-se mais poderosa, os ponteiros não atrapalhavam mais. Aranhas começaram a abrigar-se e a enlear o tempo parado. Vez por outra um espanador rápido e preguiçoso passava por lá. As aranhas e a poeira inimigas do tempo tanto fizeram que o relógio foi parar no porão. Lá ficou esquecido como traste velho desmemoriado. Sem memória tudo perde a utilidade e a causa de ser e estar. Ninguém sabe se ele sentia saudades ou sofria. Nenhum cientista comprovou se a saudade faz parte do tempo ou da memória. A única lembrança da parede e do relógio era marcada por uma fotografia que também amarelou com o passar do tempo. A utilidade seja para o que for ou para quem for é a chave da sobrevivência. Pouco importa o quanto foram úteis, o quanto trabalharam, o quanto significaram, o tanto que amaram... Perdem o valor no momento que soltam a memória no tempo e no espaço.

Flávio, o dono da casa com Alzheimer, o relógio parado empoeirado, e a foto amarelada participavam do mesmo espetáculo, desempenhavam papéis semelhantes embora em palcos diferentes e com a mesma doença – síndrome do abandono. Sem chance de reciclagem permaneciam inúteis na paisagem aguardando o descarte final.